

TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº. 48
E C T - D R - S. C.



Blumenau em cadernos

TOMO XV

★★

Abril de 1974

★★

Nº. 4

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústria Têxtil Companhia Hering

Artex S/A.

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Artur Fouquet - Blumenau

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A.

Blumenau

em Cadernos

TOMO XV

ABRIL DE 1974

Nº. 4

SOLIDARIEDADE QUE CONFORTA

A tremenda catástrofe que atingiu os municípios do Sul Catarinense, colheu a todos de surpresa. Inesperadamente tiveram início as chuvas que caíam cada vez mais fortes sobre as cidades sem que alguém pudesse prever o triste e trágico fim que atingiria, em poucas horas uma população ordeira, pacífica e trabalhadora.

As águas se avolumavam de instante a instante, formando verdadeiras avalanches de águas e lama, ocasionando o desbarrancamento de morros e barreiras que tudo levaram de roldão. Quando a população caiu em si, apavorada, assistia, a força das águas demolindo residências, arrasando a lavoura e levando em sua correnteza corpos humanos e animais domésticos que impossibilitados de se salvarem, pereceram na voragem, tragados pela violência incontida das águas.

A bela e progressista cidade de Tubarão, foi completamente arrasada, pouco sobrando de seus belos e confortáveis prédios, suas indústrias e seu ativo comércio cujas casas nada ficavam a dever às grandes capitais. Milhares de desabrigados refugiaram-se nos morros e de lá ficaram observando a maior calamidade que até hoje se registrou no Sul de nosso Estado.

Ao lado desta tremenda desgraça que se abateu sobre a cidade de Tubarão, ha de se por força, salientar o heróico trabalho dos bombeiros e soldados do exército, auxiliados pelos que ainda se podiam locomover no ajã sublime de prestar socorros aos flagelados.

O povo catarinense como que, uma só alma, uniu-se formando uma frente única para nesta hora amarga da vida de Santa Catarina socorrer os nossos irmãos do sul que amargurados, famintos e sem água potável, sem luz e sem nenhum meio de comunicação, curtiram sua dor e desespero n'uma angustiante vigília.

O coração do catarinense e de todos os brasileiros se abriram, procurando mitigar o quanto possível o sofrimento de nossos irmãos

Não há palavras que possam traduzir tão dignificante e altruístico gesto que empolgou a alma nacional neste trágico momento de dor e luto que atingiu inúmeros lares.

Mas, não tenhamos dúvidas, passada essa calamidade, Tubarão renascera graças aos esforços de seu povo e sua gente que saberá vencer todas as dificuldades e Tubarão continuará mais jovem, mais bela, a ser a Capital do Carvão, a Cidade Azul, o ouro negro que estraido das profundezas da terra, dará novo alento a essa brava e heróica gente.

N. R. - Segundo notícias dos jornais, O Uruguay, Bélgica, Alemanha, Suíça, e a Cruz Vermelha Internacional, também vieram em auxílio dos flagelados, enviando Medicamentos, Barracas de Lona, roupas e alimentos que auxiliaram grandemente os nossos irmãos do Sul.

A PREFEITURA DE BLUMENAU investiu no ano passado a importância de Cr\$ 2.342.000,00 em aquisição de imóveis, que foram destinados à ampliação do parque fabril local, às obras para o ensino, abertura e alargamento de ruas e outros serviços públicos.

O Executivo blumenauense atendeu, através dos projetos que foram surgindo desde o início da atual gestão, a uma série de pedidos de incentivos, para o que foram adquiridas áreas no montante de Cr\$ 133.205,28, distribuídas às diversas firmas locais e à instalação de novas indústrias.

O setor do ensino e de obras de alargamento ou abertura de novas ruas, também foi bastante contemplado com a aquisição, permuta e desapropriação de terras, o que, somado ao que foi adquirido para indústrias, atinge a cifra de Cr\$ 517.145,07, num valor global que atinge a Cr\$ 2.342.803,24. Este é o valor já escriturado, estando ainda em andamento para escrituração mais Cr\$ 58.467,20.

Durante o exercício de 1973, foram assinadas 57 escrituras de transmissão de propriedades. Esse volume está enquadrado dentro das seguintes características: por desapropriação amigável, foram adquiridos 25 imóveis, no valor de Cr\$ 314.401,98, por compra, 7 imóveis, no valor de Cr\$ 1.725.552,56, por permuta e 9 imóveis, no valor total de Cr\$ 129.846,00.

O Planaltino das Primeiras Décadas

C. Gaertner

Os que conheceram o Contestado na época da campanha assinalaram, com justeza, que o nosso sertanejo não era agricultor. - Assumpção observa: - «O povo sertanejo pouca importância liga ao amanhã da terra»... «A gleba do sertão do Contestado está votada ao desamparo dos seus filhos, que a não merecem». (H. T. ASSUMPTÃO. A Campanha do Contestado. Vol. I. Pág. 209). E em outra parte: - «Em geral, o fazendeiro, em dolcefar niente, fica em casa e deixa o gado entregue à natureza». (Idem, pag. 206).

Ora, o homem que povoou o sertão catarinense saiu das estâncias campestres da Comarca de Lages, onde, como peão ou agregado, dedicava-se à lida pastoril. Embrenhado nos impérvios sertões do planalto catarinense, abundantemente semeados de campestres e faxinais, estava apenas emergindo da fase de caçador primitivista, em que a subsistência é provida exclusivamente pela caça. - Já procurava criar os animais que necessitava para seu transporte e alimento. Tinha o seu cavalo, as suas vacas de leite e a sua vara de porcos. Mas, apesar disso, não podia ser classificado como pastor ou criador: o pastor cuida e vela pelo seu rebanho; o criador presta-lhe toda forma de assistência para melhorá-lo e aumentá-lo. - Mas, não acontecia assim com o sertanejo daquela época. Os animais criavam-se soltos, embrenhados na selva, buscando o alimento onde quer, sob a forma de pinhões, butiás, guavirovas, frutas de imbuia e outras, bem como o papuã, a putinga e demais pastagens nativas. - Para evitar o extravio e assegurar-se a propriedade, o gado alto levava a marca do proprietário a ferro em brasa, e os porcos eram assinalados nas orelhas, com um corte individual, para diferenciá-los dos alheios. Procriavam livremente pela mata, aninhando-se nos ôcos das imbuías, no fôfo recesso dos taquarais, engordavam com a abundante debulha dos pinhões, e, vivendo na selva, tornavam-se abagualados ou alçados. Por isso, tinham de ser costeados, isto é, reunidos, de tempos a tempos, com o auxílio de cães amestrados e conduzidos para os mangueirões onde eram assinalados os bácoros orelhanos. As andanças do costeio transformavam-se em divertidas caçadas, pois sempre havia animais asselvajados e rebeldes.

Assim, o sertanejo não era totalmente caçador, porque já possuía animais domésticos; e não era totalmente pastor, porque os seus animais criavam-se soltos na mata, selecionados pela natureza, defendendo suas crias da voracidade dos animais rapinantes, e sobrevivendo sem quaisquer cuidados do seu dono. «O que é do home, o bicho não come! «era a sua filosofia fatalista, e «Só não perde quem não tem!» seu consolo vaidoso. Era um misto de caçador-pastor.

Mas, o sertanejo necessitava também de algumas plantas, pois até certas tribus indígenas tinham sua cultura incipiente do avati, o milho. - A couve, os temperos, e algumas plantas medicinais como a arruda, a losna, a artemisia, a hortelã, a erva-cidreira, o cordão-de-padre, o chá-de-bugre, a salva e outras eram plantadas numa pequena horta cercada de ripas lascadas, junto à moradia, também construída de tábuas lascadas de pinheiro e coberta de tabuinhas ou de folhas de taquara, de butiazeiro ou de jerivá. Viam-se, às vészes, um pé de pessegueiro, alguns marmeleiros e uma ou outra macieira de frutos pequenos e ácidos, alguns pés de aipim e barços de gila, melancias e pepinos.

A plantação de milho, feijão, abóboras e morangas era feita em roças com a derrubada de mata virgem, que queimava e plantava observando muitos as fases da lua. Com as coivaras fazia uma cerca de tranqueira para vedar e entrada de animais. Mas não se livrava, a não ser pela caça, da incursão dos pássaros, dos micos, dos tatetos e dos veados pardos, pororós e virás. A plantação nascia em meio de toda a espécie de ervas daninhas que houvesse no terreno, pois não se dava ao trabalho das capinas. Por essa razão procurava sempre a mata virgem, cujo solo, além de mais feraz, possuía menor quantidade de sementes estranhas. O rito era sempre o mesmo: foice, machado, fogo e sementeira.

Sua alimentação consistia de feijão, milho, carne doméstica ou de caça, cucurbitáceas e, como verdura, a couve. Fabricava a farinha de bijú. Para isso o milho era demolhado em cestos de taquara e, depois de suficientemente intumescido, levado ao monjolo com cinza e palhas para a casca ser eliminada como farelo, obtendo-se, então, a canjica.

Esta, depois de abanada e limpa em peneiras de taquara, voltava ao monjolo para ser pilada. Peneirada em crivos de arame, produzia o pó para o bijú sobrando a quirera que, para o sertanejo, substitui o arroz. Quirera cozida com costeletas de porco e cheiro verde é um bom prato. O fubá assim obtido é, então, humedecido e assado em largos fornos de ferro, chatos e redondos, sob fogo nú, formando bijús, por habilísimas e práticas farinheiras. - O feijão, cozido e mexido com farinha de bijú, ao qual se adicionam torresmos, constitui o revirado. A couve, cortada bem fina, era refogada em bastante gordura. - A carne era quase sempre consumida em forma de charque. O charque bem picadinho era cozido no arroz.

Pedaços de charque e de tocinho cozidos no feijão com pés e orelhas de porco constituíam a feijoada. A carne frita e socada no pilão com farinha de milho ou mandioca forma a paçoca, acompanhante do café. Mas a bebida predileta era o chimarrão ou mate amargo, servido em cuias de porongo e aspirado por bombas de metal. O Cigarro e o mate eram os símbolos da hospitalidade. O Sertanejo colhia e preparava a sua erva mate em pequenos carijos. O café era torrado em panela de tres pés e misturado ao açúcar mascavo queimado. Na sua falta torravam a quirera, sementes de fedegoso, ou pinhões cortados em pequenos pedaços e oreados ao sol. A moagem era feita no pilão. O «café» de pinhão, com leite, dá uma bebida muito gostosa.

O sal, o açúcar, o café, as ferragens, a pinga, o pano e a pólvora tinham que vir de Serra-Abaixo. Formavam os interessados tropas de cargueiros que, para fazer o escambo, eram carregados com couros, peles, farinha de bijú, erva-mate, queijo, charque, rolos de fumo em corda e panos de toicinho salgado, e desciam a Serra do Taió infestada pelos botocudos. Iam - como se dizia - buscar o «blumenau», isto é, o sal. A falta de açúcar era suprida pelo mel silvestre, que ainda fornecia a cêra para as velas. Mas o sal não tinha substituto.

Alguns artefactos, como o tirador, eram confeccionados com o couro, que trabalhavam com muita habilidade. Fabricavam os seus catres encorreados, os arriames, cangalhas, bruacas e socados, cabrestos buçaletes e rédeas. Trançavam o couro com maestria, fabricando laços, sovêus, rabos-de-tatú, arreadores, rebenques, presilhas e botões. O serviço mais delicado era feito com loncas de couro cavalariço. - O pano, dado à dificuldade da sua obtenção e a não existência de plantas têxteis, era economizado ao máximo. Havia o rifão: - «Remenda o teu pano, que dura mais um ano; remenda outra vêz, que dura mais um mês; torna a remendar, que torna a durar.»

O caboclo era pobre, porque vivia de maneira muito primitiva e com o mínimo de necessidades, ignorando mesmo que houvesse outra maneira de vida mais epicurista. Tinha, entretanto, abundância de alimentação, que talvez não fôsse a recomendada pelos nossos modernos dietéticos. O velho Francisco Corrêa de Mello dizia-me: «Menino, vocês são fracos porque não fazem como nós. Quando temos vontade de comer carne passamos a mão na Lafouché e vamos ao mato caçar o tateto, o mico, o tatú, a capivara, a anta. Essa carne é que dá força e saúd!» E bem que pode ser. Chico Corrêa morreu, em Caçador, pelos 106 anos.

Como vimos, para o sertanejo do planalto catarinense das primeiras décadas do século, ser pastor era modalidade de ser caçador, e ser agricultor, uma modalidade da atividade extrativa, pois colhia o que o acaso e as circunstâncias permitissem. Passava a sua vida entre a pequena roça e as campeiradas, as andanças dos costeios e as lidas extrativas, nalgum trabalho esporádico de domador ou tropeiro, nas carreiradas de raia ou nas caçadas, e o seu divertimento era a viola, a sanfona, o baile, o puxirão, o jogo da cachola, e as festividades religiosas em honra e S. João Batista, a S. Sebastião ou ao Divino. Apesar de já ter uma residência fixa, o barraca ainda significava muito em sua vivença. - Precisava de grandes extensões de terra para o seu pequeno rebanho obter o alimento, e de muita mata-virgem para a sua pequena plantação. Tal sistema de trabalho não encontrava possibilidades dentro de áreas medidas por hectares e só era cabível em extensões de alguns quilômetros quadrados.

O nosso historiador Oswaldo R. Cabral, que fez a melhor descrição da vida planaltina, diz: - «Quem possuísse menos de dois a três milhões de metros quadrados não podia suportar o onus da sua manutenção. Era pobre.» (CABRAL. João Maria. Pág. 89)

E o sertanejo não compreendia a riqueza do gringo dentro de um sítio de dez alqueires. Faltava-lhe a instrução, o exemplo e o estímulo. Se os tivesse tido, seria tão bom colono como o estrangeiro. Temos agora um particular exemplo: em Curitiba, onde há a maior plantação comerciável de nectarinas, quinze famílias nacionais emulam com trinta e cinco famílias japonesas.

Miguel Prevot, ucraniano, diretor colonização da Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, era um homem alto, encorpado, cabelos a escovinha, com uma franja na testa para ocultar uma cicatriz de bala, resultante de uma tentativa frustrada de suicídio passional. Era de uma palestra amena, homem viajado e observador, dotado de uma bela e lúcida inteligência, de mentalidade aberta e arejada. Sabia lidar com o nosso sertanejo, cuja ignorância lamentava, e facilitava tudo para que o mesmo adquirisse a sua terra legalizada, medida, demarcada, escriturada e valorizada pela passagem da ferrovia. Os lote rurais de dez alqueires eram, então, vendidos de 300\$000 a 600\$000 em prestações semestrais. Alguns chegaram a comprar para em seguida revender e partir para o oeste, em busca de “um mundo sem porteiras”.

Prevot admirava o nosso cabloco pelas suas maneiras corteses, sua linguagem, sua peculiar filosofia, sua bravura e lhaneza, sua qualidade de amigo dedicado e pela sua tradicional hospitalidade.

- «Repare - dizia-me Prevot - o cabloco é o descendente em linha reta, parado no tempo, daqueles filhos d'algo que abicaram outrora a esta terra. Até o seu linguajar é quinhentista. E ainda mantém uma fidalguia inata. É de se ver a cortezia recíproca quando um oferece a outro um simples copo de aguardente:- Sirva-se, comrade! diz o ofertante. - Que venha de lá! Está em boas mão! responde o ofertado. - Para melhores vão! insiste o ofertante. E o seu filosofico? Enquanto Salomão, nos Provérbios, diz Numerus stultorum infinitum est - o número dos tolos é infinito - o nosso sertanejo, com muito mais graça e convicção, exclama: «se três dia chovesse cangalha, inda sobrava burro sem cangalha!»

É de se lamentar que, apesar de inteligente, fôsse ignorante e tivesse ficado abandonado pelos governos contestantes, deixando-se levar pelo fanatismo religioso diante de fenómenos parapsicológicos que não podia entender sem distorção imaginativa, e que pela sua boa fé na amizade, padroado e compadrio, se tornasse um títere nas mãos dos coroneis ávidos de terras, sequiosos de lucros e sedentos de poderio político.

PROMESSA CUMPRIDA

SILVEIRA JÚNIOR

José Ferreira da Silva era vivo e saudável quando eu lhe escrevi, agradecendo, creio que uma pesquisa histórica que ele havia feito a meu pedido. Essa carta foi publicada em «Blumenau em Cadernos» não sei de que mês, mas me lembro vagamente que terminava mais ou menos assim: «Se voce morrer primeiro do que eu (e eu espero viver o suficiente para ir ao seu enterro) pode ficar certo de que lutarei para que uma rua de Itajaí leve o seu nome».

x x x

José Ferreira morreu, eu fui ao seu enterro, mas só agora posso cumprir a última parte da promessa. Tão logo voltei do seu sepultamento, num domingo de chuva, que o lutuoso acontecimento tornava ainda mais triste e mais feio, escrevi à Câmara Municipal de Itajaí, pedindo que a mesma aprovasse uma lei dando os nomes de José Ferreira da Silva e Frei Pedro Antônio Agote a duas pequenas ruas desta cidade. A Câmara aceitou a minha sugestão dos nomes e das ruas, ambas pequenas vias públicas que nascem na Samuel Heusi, quase no centro da cidade.

x x x

Dizia ao presidente da Câmara que, se aprovada a lei sugerida, eu teria o prazer de oferecer à Prefeitura as duas placas. É o que acabo de fazer.

x x x

A não ser um pequeno artigo no «Jornal do Povo», não quis tratar da morte desse dileto amigo, sem antes poder cumprir a promessa que lhe fizera em vida. Ninguém merece mais o nome numa rua de Itajaí do que esse ilustre historiador blumenauense, nascido em Tijucas. Ferreira foi o homem que deu a maior soma de subsídios à nossa pobre história, complementando-a e retificando-a à custa de pesquisas e documentos irrefutáveis. Quanto a Blumenau, o mínimo que pode e deve fazer é uma estátua ou um busto em sua homenagem, para o que, desde já, mando a certeza da minha modesta contribuição pecuniária, tão logo me peçam.

x x x

José Ferreira era um intelectual no bom sentido. Nunca capitalizou em seu benefício a imensa soma de dotes culturais que Deus lhe deu. Se houvesse se dedicado ao comércio ou a indústria talvez houvesse morrido rico de dinheiro. Mas dedicou-se à pesquisa histórica e morreu rico de boas obras. (Só livros e estudos deixou mas de 30). Passou a maior parte da sua vida na cidade certa, Blumenau, que sempre soube dar-lhe as oportunidades que um pesquisador necessita. Se visse em Itajaí (ou em Tijucas) provavelmente teria que ganhar a vida redigindo boletins de liquidação da Casa Pernambucana.

Ferreira pertencia à classe dos intelectuais puros, espécie em extinção em Santa Catarina. Como certos tipos de maçaricos, os poucos intelectuais catarinenses vivos, deveriam ser marcados com um anel metálico numerado na perna, onde constassem o nome, a espécie e a procedência. Por exemplo: «Oswaldo Cabral homo, sapiens, lacunensis, Nereu Corrêa, h. s., tubaronensis, pré-diluviano; Altino Flores, h. s., desterrensis...» A assim por diante. Quando morresse um, como foi o caso de Ferreira, a gente retirava o anel numerado e riscava o seu nome do registro.

x x x

Quando morrer Oswaldo Cabral, quem o substituirá nessa faixa de revirar arquivos, refazer velhos alfarrábios para, sobre eles, escrever obras primorosas como «Brusque», «História de Santa Catarina» ou «Nossa Senhora do Desterro»? Os porvindouros se limitarão a programar um computador e a apertar um botão, na esperança de que a máquina



diga quem somos e de onde viemos. Porque ninguém mais, tão bem dotado como Ferreira, vai dar-se ao trabalho de perder anos pesquisando para saber se Vasconcelos Drumond se estabeleceu em Itajaí ou em Itaipava... há 150 anos passados.

x x x

Eu tinha prometido a você, José Ferreira, que quando voce morresse, eu iria por o seu nome numa rua de Itajaí. E cumprí a promessa. É pena que você não possa ver que casas lindas existem nos cem metros da «sua» rua.

x x x

PS: Parabéns aos que tiveram a felicíssima idéia de continuar a publicação de «Blumenau em Cadernos», mantendo o mesmo estilo simples, quase ingênuo, o mesmo formato e a mesma paginação da publicação iniciada por Ferreira há 14 anos. Creio ser obra de Allende e do Edson Müller, à qual pretendo continuar prestando a minha descolorida colaboração.

A Oitava Maravilha do Mundo

Por Gustavo Konder

O famoso escritor Machado de Assis, escreveu, em 1896, para a revista «A Semana», do Rio, o seguinte: - "Tudo pode acontecer. Um dia, quem sabe? lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói...".

Setenta e oito anos depois, a 4 de março do ano em curso, foi finalmente realizada a incrível "profecia", pois foi inaugurada a portentosa ponte "Presidente Costa e Silva" que, sem dúvida, é a maior do Mundo sobre o mar.

Com a batida da Guanabara cheia de embarcações e de navios de guerra, em formação festiva, o presidente Emilio G. Medici, aos acordes do Hino Nacional, tocado pela banda do Terceiro Regimento de Infantaria de Araribóia, descerrou, na praça do Pedágio de Niterói, às 9,40 horas, a placa comemorativa. Nela está escrito: - «Nesta passagem tão rica de belezas e história, a Revolução de março de 1964, ao completar-se seu primeiro e fecundo decênio, escreve, em concreto e aço, os seus compromissos com a Pátria».

Em seguida o Ministro de Transportes Mário Andreatza, muito emocionado, proferiu as últimas palavras: - «esta obra magnífica de engenharia é o nosso atestado de maioridade. Mais do que prova de maioridade. Mais do que prova de nosso amadurecimento, a ponte «Presidente Costa e Silva» encerra também uma mensagem de confiança no futuro do Brasil. Que as gerações que hão de vir sejam dignas dela»

Quando encerrou a festa inaugural, uma multidão de 10.000 pessoas homens e mulheres, velhos e crianças, suados e sorridentes - invadiu a ponte mais de dois quilômetros de travessia Alguns invasores, loucos de euforia, atravessaram completamente a ponte O jovem Adair Graeneiro orgulhosamente proclamou ter sido o primeiro a passar a ponte com a sua moto «incrementada»... Uma senhora de 80 anos, turbante branco na cabeça, apoiada numa bengala, não parava de repetir: - «Antes de eu nascer já se falava dessa ponte. Hoje eu rezei pelo Ministro Andreatza para agradecer esta obra, Os sorveleiros, pipoqueiros, vendedores de bandeirinhas e bolas de borracha também aproveitaram a confusão, avançaram pelas rampas e esgotaram o estóque. O sol e o asfalto quente, porém, espantaram os pedestres mais ousados, que pensaram chegar pelo menos até a metade da ponte. Pela primeira vez na história da construção civil, o povo fez questão de ver, pisar e sentir de perto uma obra, no momento exato de sua inauguração. Se não fosse o sol e as advertências da Polícia Rodoviária, os fluminenses teriam atravessado os 13 quilômetros e chegados à Guanabara, onde alguns cariocas esperavam a abertura das rampas e uma banda, de cinco componentes, improvisava uma festa, de roupas brancas e bonés verdes.

Os guarda-sóis continuaram abertos e os rostos vermelhos e molhados de suor. Havia muitos comentários. Uns falavam da altura, outros previam congestionamentos e até sui-

cídios. Os que voltaram a Niterói novamente, procurando água e sombra, eram unânimes: a ponte é a maior obra do século. E como não será permitida a sua travessia a pé, esses milhares de fluminenses privilegiados, terão o que contar para os seus netos, pois foram eles, com a sua fé e entusiasmo, que inauguraram a ponte Rio-Niterói.

O eminente cardeal D. Eugênio Sales, também esteve presente na memorável festa popular, declarou: - «A presença dessa multidão na ponte significa que ela teve realmente uma participação total. Acho muito bonita essa manifestação».

A grandiosidade da ponte «Presidente Costa e Silva» pode ser avaliada pelos números que envolvem a sua construção. Sua extensão total é de 13.290 metros; extensão das estruturas, 12.000 metros; a extensão sobre o mar, 8.836 metros; em terra, 4.454 metros; a extensão da estrutura metálica, 848 metros. A extensão do vão de concreto, em terra é de 32 metros; no mar, 80 metros; vão metálico central tem a extensão de 300 metros e os adjacentes, 200 metros; a largura total é de 26,60 metros. As vias de tráfego são formadas por duas pistas de 12,20 metros, com três faixas cada uma. A extensão da ponte (13.290 metros) é quase a distância de Blumenau à Gaspar (15.000 metros).

É uma obra dos superlativos. Sugou muito dinheiro como nenhuma outra do Ministério dos Transportes e o seu custo final, avaliado em 1 bilhão de cruzeiros, embora não oficialmente divulgado. Enfrentou o misterioso fundo da baía da Guanabara e a oposição de alguns técnicos e também dos parlamentares contrários à sua construção. Do seu ponto mais

alto, 70 metros acima do nível do mar. ao seu ponto mais fundo, 210 metros abaixo da água, poderiam ser amontoados três estádios do Maracanã, Divididos em sacos, os 220 milhões de cimento usados nos seus 13.290 metros de extensão se transformariam em 1.500 pilhas do tamanho do Pão de Açúcar. Dá para contar uma fabulosa lenda.

Enfim a magestosa ponte «Presidente Costa e Silva» é sem contestação uma das maravilhas do Mundo. Infelizmente sempre há muita inveja por toda a parte do globo...

A maior ponte terrestre do globo cabe à Florida nos Estados Unidos. Na baía de Tampa, a engenharia norte-americana construiu a ponte que bate os recordes de comprimento, isto é, a maior parte em cima da terra. A gigantesca obra, que exigiu cerca de 730 dias de trabalho, ininterrupto, é considerada como o mais arrojado empreendimento. Tem 24 quilômetros de comprimento e liga Sto. Petersburg a Bradenton. Nesse empreendimento trabalharam dezenas de engenheiros e milhares de operários, e o material empregado na construção, em quantidade, ultrapassou no levantamento do mais alto edifício do mundo. A gigantesca ponte custou ao «Tio Sam» uma incalculável fortuna. Com apenas a metade dessa ponte poderia alguém descer à maior profundidade oceânica até hoje investigada: a fôssa de Mindanau, no Pacífico, 11.683 metros; com outra metade, poderia alguém atingir o ponto culminante da Terra, o Everest, com 8.882 metros de altura.

Afirma-se que, em 1955, a ponte mais extensa da América do Sul era a do rio Paraná. Tem cerca de 900,25 metros de extensão e 21

de altura. Nessa ponte foram empregados 1.100.000 quilos de cimento.

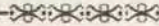
A futura ponte de ligação da Ilha de S. Catarina ao Continente, será também uma das maiores do Brasil, depois da gigantesca ponte Rio-Niterói. Terá o comprimento de 915 metros e 17 metros de largura com 4 pistas para o tráfego.

A tradicional ponte «Hercilio Luz», inaugurada em 1926, continuará servindo como ligação alternativa e de atração turística. Continua firme em seu lugar e está aguardando ansiosamente o dia em que terá, ao

seu lado, a sua nova companheira, embora com aspecto diferente.

Há cerca de 12.000 anos, foi inventada e construída a primeira ponte. Era feita de uma grossa junção de três troncos postos lado a lado...

BIBLIOGRAFIA:— Revistas e jornais paulistas e cariocas, com as reportagens e estampas, alusivas à inauguração da ponte Rio-Niterói; «Maravilhas do conhecimento humano», de Henry Thomas; e «Enciclopédia Universal ilustrada



Os primeiros povoadores do Município de Timbó foram frutos do movimento colonizador promovido pelo Dr. Hermann Blumenau, que atingiu todo o baixo Vale do Itajaí. Oriundos da Alemanha, atingiu o local onde hoje se situa a cidade de Blumenau, os primeiros elementos colonizadores que chegaram às terras de Timbó, fizeram-no subindo o rio Benedito, em canoas, até a confluência deste rio com o dos Cedros.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA Dr. BLUMENAU

Direção: F. C. Allende

—Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00

Caixa Postal, 425

89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

A PRIMEIRA BANDA DE MÚSICA DE BLUMENAU



Da Esquerda para a Direita: Fila do fundo: Oswaldo Werner, Ernst Kaestner, Eugênio Krepski, Oto Kaestner, Augusto Werner o Mestre, Gustavo Werner, Oto Werner, Hermann Baumgarten, Augusto Werner Jr.

Fila da frente: Richard Schneider, Ernst Haupt, Erminio Moser, Hermann Schneider, Wilhelm Schneider.

A fotografia foi tirada no jubileu da sociedade dos atiradores, em frente à sede antiga dessa sociedade atual Tabajara Tennis Clube.

BIBLIOGRAFIA ALIENÍGENA SOBRE SANTA CATARINA

por: WALTER F. PIAZZA

Em sua monumental «Biblioteca Exotico Brasileira» Alfredo de Carvalho, bibliófilo pernambucano, de altas qualidades humanísticas, reuniu e muitas vezes anotou o conteúdo das obras que colecionou.

Através da leitura dos 3 volumes da Biblioteca Exotico Brasileira, visando facilitar o conhecimento daqueles trabalhos que interessam ao nosso Estado de Santa Catarina, anotamos esta Bibliografia:

BACHELET, Louise - Phalantère du Brésil; voyage dans l'Amérique méridional. Paris, Imp. de Pourcueret et Guériot, 1842, in-8º., 20 p e 1 est.

BAGUET, A. - Voyage d'Uruguayane à Rio Grande do Sul et à l'île de Sainte-Cathérine en 1842. Description de cette île et de sa Province. in Bulletin de la Société Royale de Géographie d'Anvers, v. XIX, p. 38 - 57, Anvers, 1894.

BARBINAIS, L. G. de la - Nouveau voyage autour dumonde par... Paris, chez Biasson, 1728 - 1729, 3 v., in-12º.

BARROW, John - Abregé chronologique ou histoire des découvertes faites par les Européens dans différentes parties du monde. (traduit de l'anglais par M. Targe). Paris, Saillant, 1766, in- 8º, 12 v. (vide v. XI - Ilha de Santa Catarina, suas produções, seu governo).

BENKO, Jerolim Freiheren von - Reise S. M. Schiffes "Albatros", unter Commando des K. K. Fregatten - Kapitans Arthur Müldnera Süd-Amerika, dem Caplande und West-Afrika, 1885 - 1886. Wien, 1889, in - 8º. (vide descrição dos portos brasileiros, inclusive Desterro, que está nas p. 65 - 164).

BOLIE, Carl - Zur charakteristik der alteren und neueren deutschen Auswanderung nach Brasilien. Deutsche Kolonialzeitung, nº. 42. 21 oct. 1905, Berlin.

- Deutsche ansiedlungen innerhalb der Tropen und Subtropen Brasiliens. Zeitschrift für Kolonial Politik, v. III, p. 129 - 133, Berlin, 1905.

- Die Kolonien Blumenau und Hansa. Greuxboten, v. 67, p. 505 - 508, Leipzig, 1908.

BOUCARUT, A. - Manual de la navigation dans le Rio de la Plata, d'après des documents nautiques les plus récents. Paris, Imp. Paul Dupont, 1857, in-8º, 120 p. (trata da Ilha de Santa Catarina).

BRACKENRIDGE, H. M. - Voyage to South America, performed by order of the American Government in the years 1817 and 1818, in the Frigate «Congress». Baltimore? John D. Toy Printer, 1819 in - 2 v. (há uma descrição de Santa Catarina)

CHAMISSO, Adalbert & CUVIER, Barão de - Voyage pittoresque du monde. Paris, Imp. Firmin Didot, 1822. (há um trecho referente a Santa Catarina).

CHEMICKI, Zigmunt W. - Brazylki, notatki z podrozy. Warszawa, 1892, 2 v., in-8º. (refere-se às condições dos imigrantes poloneses no sul do Brasil).

COPPIN, Lievin - Le Empire du Brésil au point de vue de l'émigration. Charleroi, R. Gremsem 1888, 65 p.

DESCHAMPS, P. - L'imprimerie hors l'Europe. Paris, Lib. Orientale et Américaine, 1902, in - 8º, 203 p. (cita o Desterro p. 48, com os seus estabelecimentos de arte tipográfica).

DILTHEY, Richard - Die deutschen Ansiedelungen in Südbrasilien, Uruguay und Argentinien. Berlin, Allgemeine Verlags-Agentur, 1882, in-8º. (trata de Sta. Catarina).

DORFFEL, O. - Der Südbrasilianische Landwirth. Dona Francisca, 1865^t in - 8º., 43 p. (trata da agricultura na área de colonização).

DOY Y CARBONELL, Don Juan - Derrotero de la America Meridional, comprendidas entre la isla de Santa Catarina y el Maranhão. Barcelona, Imp. D. A. Albert. 1844, in - 4º (há uma parte sobre Santa Catarina).

DURVILLE, Dumont - Voyage autour du monde. Paris, 1857, in - 8º. (tomo I, p. 42, - 50, refere-se ao Brasil).

DUTOT, S. & AUBÉ, L. - France et Brésil. Notice sur Dona Francisca. Pris, Lib. Guillaume & Cia., 1857, in - 18.

FRÉZIER - Relation du voyage de la mer du Sud aux côtes de Chili, Pérou et du Brésil, fait pendant les années 1712 1713 & 1714. Amsterdam, Chez Pierre Humbert, 1717, 2 v., in- 12 (1º. v., 294 p. e 2º. v., 600 p).

GALL, Dr. - Voyage pittoresque autour du monde avec des portraits de sauvages d'Amérique, etc. et l'observations sur les crânes humaines par ... Paris, Imp. Firmin Didot, 1822. (contem resultados da expedição de Cuvier e Chamisso em Sta. Catarina).

GARNOT - Un court séjour à Sta Cathérine du Brésil en oct. 1822. Louviers, Imp. Ch. Achaintre, 1837, in - 8º., 14 p.

GERNHARD, Robert - Dona Francisca, Hansa und Blumenau, drei deutsche Mustersiedelungen in Südbrasiliehen Staat Santa Catarina. Breslau, 1901, in - 8º.

GERSTACKER, Friedrich - Achtzehn Monate in Südamerika und dessen deutschen Colonien, Iena, 1860, 2v., in - 8º.

GIESEBRECHT, Franz - Die deutsche Kolonie Hansa in Südbrasilien. Berlin, Hermann Poetel, 1899, in - 8º.

GOEGG, Armand - Übersiche Reisen. Zurich, Verlag von F. Schabelitz, 1888, in - 8º, 163 p. (esteve em Sta. Catarina.)

GUIMARAENS, Sabastião Antonio Ribeiro Abreu - Deroto. feita sobre a retirada que fez o pequeno Exército de Sua Magestade Fedilissima, da margem setentrional do Rio Grande de São Pedro thê embarcar nas fragatas que se acharão surtas na Barra do Norte da Ilha de Sta. Catarina no fim do ano de 1788 e principio de 1789. in-folio, 1779 (?).

HUHN, Wilhelm - Mitteilungen bettreffend Dona Francisca, in Monatlichen Heften. Hamburg, 1852 - 1853.

KOROLOW, W - Ukrainci w. Americyci. Kiev, 1909, in - 8º. (o cap. XII - Os ucrainos no Brasil, p. 83 - 98, interessa!).

KRAUEL, R. - Deutschben interessen in Brasilien. Hamburg, Verlag L. Friedricksen, 1900, in - 8º.

KRUSENSTERN, Ivan Fedorovitch. Viagem à volta do mundo em 1803 - 1806. St. Petersburg, 1810 - 1814, 3 v., in - 4º. Há tradução alemã, inglesa e francesa. (Há uma introdução que interessa à Santa Catarina, redigida por A. de Carvalho - «Os primeiros russos em Santa Catarina»).

LACMANN, Wilhelm - Ritte und Rasttage in Südbrasilien. Berlin, Verlag Dietrich Reimer, in- 8º., 243 p. (Há uma parte sobre as colonias alemães em Sta. Catarina).

LANGE, Henri - Südbrasilien - Die Provinzen São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catharina und Paraná mit Rücksicht auf die Deutsche Kolonisation. Leipzig, 1885.

- Die Flussgebiete des Rio Tubarão und des Rio Araranguá, Gotha, Petermann's Mitteilungen, t. XXXIV, 1888, p. 10 - 13.

- Die Küste des Atlantischen Ozeans von der barre do Araranguary bis zum rio Tijucas. Gotha, Pettermann's Mitteilungen, t. XXXV, 1889, p. 171 - 172.

LA PÉROUSE? Jean François Galaup de - Voyage autour du monde, pendant les années 1785 - 1789. in Nouvelle Bibliothèque des Voyages, t. VI. (parte referente à Santa Catarina).

LAUDISIO, N. - Del Brasile in relazione alla emigrazione europea. Napoli, 1887, in - 4º., 105 p.

LEYFER, L. - Deutsches Kolonistenleben in Staate Santa Catharina in Südbrasilien. 1900, in - 8º.

LISLE, James George Sample - The life of Major J. G. Sempla Lisle. London, W. Stewart, 1799, in- 8º., 382 p. (contem retrato do autor). (Há uma parte referente às partes que percorreu em Santa Catarina).

LOMONAÇO, Francisco G. - Il Brasile e l'emigrazione italiana. Napoli, Stab. Raimondi, 1876, in - 4º.

MILTENBERG, R. J. - Die Deustche Kolonie Dona Francisca in des Süd-brasilianischen Provinz Santa Catarina, Berlin, Schneider & Co., 1852, in - 8º.

JOÃO BRABO

(Dos «Alfarrábios» de José Mendes da Costa Rodrigues)

Natural da Galícia, era de estatura regular, muito claro, porém muito rosado. Parecia seu rosto estar vertendo sangue. Era rengo do quarto esquerdo, cuja perna era encolhida e por isso manquejava quando andava. De um gênio bom e agradável, falava muito, se bem que um tanto misturado o fraseado de português com espanhol. Quando moço, sentou praça em primeira linha e serviu no exército português, durante a campanha de Napoleão 1º. Assistiu a batalha de Waterloo, em cuja ação ficou ferido, tendo recebido o golpe de um estilhaço de peça que lhe esbandalhou o quarto e espedaçou a coxa da perna esquerda, razão porque assim ficou aleijado. Contudo, escapou da fatal tesoura da velha Parca.

Vindo de Portugal a divisão portuguesa denominada «Tala-veiras», João Brabo foi um dos guerreiros que veio defender o Brasil da Tirania dos gaúchos e índios do sul que assolavam a Província do Sul, Rio Grande. Esteve na mortífera batalha que se feriu nos campos daquela Província, onde correram arroios de sangue, ficando para triste memória a ossada dos nossos antepassados. Essa batalha que foi a traçada pelo general Lecor que deu ordem de se apresentar o Exército neste luminoso dia do combate com um ramo de folhas verdes na barretina. No entanto que o exército inimigo se apresentou com o mesmo distintivo. As forças inimigas se compunham de orientais, argentinos, paraguaios, inclusive os pampas que eram índios gaúchos e bugrada, trazendo na frente um milhão de touros bravios e animais baguais que tudo repertaram (?) contra o exército unido, avançando na retaguarda os índios lanceiros, e os pampas com laços e bolas. O Exército Unido se compunha do Regimento nº. 2 de Alemães Granadeiros; 27º. Batalhão de alemães Caçadores; Regimento de Infantaria portuguesa; Corpo de Artilharia Portuguesa; Cavalaria Portuguesa, Batalhão nº. 17 de Caçadores de Pernambuco, nº. 13 de Caçadores da Bahia; nº. 14 de Caçadores da Bahia e Alagoas; Cavalaria de São Paulo, Paraná e Minas Gerais, os Corpos de Artilharia de pé e a cavalo do Rio de Janeiro; O Regimento de Santa Catarina; o Batalhão 8º. Caçadores do Desterro; a Cavalaria do Rio Grande e outras forças mais que rezam as tristes memórias dessa guerra desastrosa. Essa batalha tão comemorável nos anais da história pátria foi vaticinada por um famoso cometa que se viu no céu (oriente) daquela Província das nove horas da noite até meia noite. Era visível em Santa Catarina no ano de 1826. Uma lúcida estrela alumiaava a terra dando luz temerosa e tinha uma cauda que se estendia para o polo sul como que gotejando sangue! Eu dou testemunho dela porque a vi muitas noites, quando morava na rua da cidade onde nasci.

Nesse tempo, chegou à cidade do Desterro, D. Pedro I, que tendo na Corte recebido a fatal e medonha notícia do desastre da triste ação, partiu para o teatro da guerra. Eram oito horas da manhã quando se viu descer a ladeira do morrete do Estreito, um homem moço trajando calça e fardeta de pano azul, forrado o peito de um colete de trespasse de casemira encarnada com botões dourado, trazendo na cabeça um chapéu de pelo de seda cor preta, Esse homem vinha só e chegando à segunda travessa do bairro denominado «Figueira», entrou na casa da esquina. Era a olaria de louça do velho João de Freitas. Trabalhavam em duas rodas dois homens de cor preta. O recém chegado os mandou continuar e apreciou a forma do barro que alteava-se e engrossava fazendo formas que custa descrever.

Metendo a mão na algibeira da fardeta gratificou os pretos escravos. Neste tempo, um homem marítimo que residia em frente e que tudo observou, gritou na esquina da dita olaria: «Viva Sua Majestade o Imperador!»

Este homem conhecia perfeitamente o Imperador. Há poucos dias o tinha visto de perto na Corte. O velho João de Freitas e os pretos quando isto ouviram se puseram de joelhos ante o monarca e lhe beijaram ambas as mãos. O povo que acudiu, homens mulheres e rapazes, faziam um alvoroço que estremecia a própria terra até os lageados, gritando «Viva o Imperador!»

Seguindo por essa rua a varar a praça, era coberto por nuvens de flores. As janelas das casas, como por encanto estavam adornadas de colchas adamascadas e a rua estivada de ramagens de cafezeiros, ervas aromáticas, flores e tapetes. Os aristocratas da terra, Presidente, capitães-mores, mandarins, ricos, poderosos, em suma os grandes desse tempo não tiveram tempo de pôr os chapéus na cabeça, corriam a bom correr pela praça em rumo ao velho trapiche e daí avistando uma formação do pó da terra e o ruído de uma vozeria que parecia roncões de trovoadas, se introduzia pela apertada rua ao encontro do monarca brasileiro que tranquilamente caminhava no meio do povo em direitura à praça, razão porque essa rua ficou sendo denominada «rua do Príncipe».

Chegado à praça se encaminhou para o palácio. No dia seguinte chegou à cidade a força militar e os grandes que da Corte tinham vindo com o Imperador. Este tinha desembarcado sozinho na praia da fortaleza do Estreito (S. Ana.), tendo vindo de bordo da fragata fundiada no ancoradouro da Fortaleza de Santa Cruz. O imperador apresentou na cidade do Desterro, percorrendo as ruas a mais assejada música instrumental que até o presente se tem visto. Até esse dia alegre, como ainda não houve segundo, naquela terra. Aquela povoação era uma Vila e foi o Imperador Pedro I que lhe conferiu o título de cidade.

O Imperador, sem a menor demora seguiu por terra para o teatro da guerra, disposto a assumir o comando do Exército e levar a espanholada e os gentios do sul a relho. Porém a Província tinha lavrado decretos infaustos contra o nosso país.

A Imperatriz faltou e essa desdita ocasionou o desânimo do Imperador que aflito com esses revezes de sua má estrela, concluiu os negócios da guerra de uma forma prejudicial e desairosa para o Brasil. Em uma palavra: perdemos uma das melhores estrelas do nosso pavilhão auri-verde, A Província Oriental foi desligada do Império e a cidade de Montevideo, o nosso baluarte do extremo sul, cantou vitória. Ainda isso não foi o mal em comparação com as consequências: primeira temos sofrido guerras e latrocínios da pirataria daquele povo insubordinado, sendo aquele pequeno e insignificante estado um verdadeiro covil de ladrões, aonde se acolhem os vagabundos de todas as nações do velho mundo que roubam, saqueiam e assassinos de nossos patrícios situados na campanha do nosso rico e belo país. Segundo, ajudaram e fomentaram a guerra que tivemos com o tirano Rosas, onde ficaram sepultados tantos marinheiros, cuja ossada avoluma os «Montes Caseros». Terceira: foram causa da guerra que nos moveu o bárbaro Lopez, ficando um mil brasileiros pelo menos sepultados nos charcos pestilentos daquele ridículo país que tantos prejuízos nos tem causado, sendo o sorvedouro do nosso ouro, da nossa prata e do nosso sangue, carne e ossos!!!

Essas nódoas mancham o nosso aureo estandarte, assim como as manchas que se observam na mais brilhante e desvendada das cheias luas que se vê brilhar em noite de verão na abóbada celeste. O nosso estandarte nacional patenteia na rendodeza da terra a nossa invejada riqueza, assim indica a cor amarela que brilha em circunferência da esfera; a cor verde indica a fertilidade da terra que excede as da Pérsia e do Egito.

Pedro I não pode desafrontar os brios da Nação Brasileira e passou por covarde, porém deu provas de sua grandeza de herói guerreiro nas terras de sua pátria e quem duvidar veja o que a respeito dele e da guerra nos deixou escrito o nosso destinto patrício general Raimundo José da Cunha Mattos.

Pedro I passou de vereda pelo Desterro regressando à Corte coberto de luto; luto dobrado porque tinha perdido a cara consorte e uma das ricas estrelas do seu imperial diadema!!!

Agora que o Brasil sacudiu o jugo da realeza, agora que conquistou a liberdade, a igualdade e a fraternidade, oxalá que mostre ao mundo as provas do seu grandioso patriotismo e que não cave a ruína para seus filhos, seus netos, seus bisnetos e tatarenetos... Que não assumam os poderes públicos do nosso rico e belo país, essas aves de rapina que, aventureiras, as furiosas ondas do Oceano arrojaram às nossas praias para serem a desgraça dos nossos ascendentes. Pela minha parte, positivamente declaro aos meus patrícios que estou pronto e assás determinado a quebrar, porque sou velho, mas não a vergar ao peso de galegos, carcamanos, ingleses, russos, suécos, alemães, espanhóis, mouros, pessoas asiáticas, africanos, judeus e toda a qualidade de bichos-caretas que no meu amado país entendem que eles são

os competentes para serem os banqueiros da política, tendo o baralho dos comandos do poder e da riqueza comercial, como já disse alto e em bom som, o patriota Joaquim Nunes Machado pela minha parte morreria à mingua, exalado e apedrejado pelos meus patrícios, mas firme no posto desenhado no verso da primeira folha deste mal redigio escrito:

Aqueles que têm
O coração cheio de fel
Eles não sentem
O escrito neste papel!

Tornando ao meu conto, regressaram aos seus lares os que escaparam da morte que andava alçada nos campos cisplatinos, inclusive o Batalhão décimo de Caçadores, composto de homens de cor preta, descendentes do herói Henrique Dias, natural da Paraíba e do Piauí. As praças desses corpos, tiveram baixa em 1831, tendo muitos regressado à Europa.

João Brabo tomou estado de casado, se aposentou em uma casa chácara que lhe deu para residir Manoel Gomes de Oliveira e Paiva, por antonomasia «Manoel das Cantigas», colono ericeiro que veio povoar a nova Vila de Garoupas e que tomou estado de casado com D. Guiomar Marques, natural do lugar denominado Ganchos e que foram residir na cidade do Desterro, sendo ali Paiva procurador de causas perdidas e depois Contador Judicial. Foram pais do sabio grande orador e poeta, Padre Joaquim Gomes de Oliveira Paiva.

João Brabo criou raízes no aposento alheio de tal forma que jamais o puderam arrancar. Paiva dispôs da chácara, menos a pontinha de terra murada de rochedos que João Brabo possuiu toda a sua pobre vida e por sua morte continuaram os herdeiros a possui-la, como de fato a possuindo estão.

Este velho guerreiro tinha uma habilidade que o distinguiu toda a sua vida. Era a destreza com que manejava as baquetas rufando as caixas e tambores de guerra. Ele tocava todos os toques militares, assim como marchas, valsas, contradanças e tudo quanto ouvia tocar em outro qualquer instrumento de sopro ou de corda. Foi sempre no Exército tambor mor.

Em Porto Belo, no Canto da Praia, lado de leste, onde morava, se ouvia sempre o rufar das matinas, e a resposta ao sino quando se tocava às trindades. Alcançou uma gratificação provincial de cinco mil réis mensais para tocar nos domingos nas paradas e revistas da Guarda Nacional. Por festas religiosas e mencionais fazia seu filé; ia tocar à porta das autoridades e cidadãos abastados, percorrendo o território de Porto Belo, Camboriú, Tijucas e Itajaí de forma que recolhia-se ao seu lar com boa moeda. Tinha mais de sessenta anos de idade e parecia um rapaz de 30 anos. A sua ocupação era fazer rede que dava para o povo com ela pescar, dando-lhe metade do pescado. Quando estava enfasiado desse serviço, fazia cigarros de papel para a casa de negócio de seu comrade João Mattos da Fonseca. Tinha por costume trazer na boca sempre aceso um cigarro de papel. O mesmo costume tinha o velho Antônio José Pereira que faleceu com perto de 80 anos e tanto um como o outro nunca sofreram de moléstias do peito, como falsamente dizem alguns que o cigarro de papel faz mal a quem o pita. É falso por mim e por eles estar demonstrado o contrário. O cigarro de papel se usa por todas as cinco partes deste planeta.

João Brabo está sepultado no cemitério da igreja matriz de Porto Belo.

Estante Catarinense

por Carlos Braga Mueller

NOVA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA, de Silvio Coelho dos Santos

Edição do Autor - 1974, Florianópolis

Toda obra nova, que traga subsídios para enriquecer a história do nosso Estado, será bem-vinda. Ao lançar em Blumenau seu livro «Índios e Brancos no Sul do Brasil», Sílvio Coelho já havia me falado do seu novo trabalho: este que agora está nas mãos dos leitores, pronto para ser absorvido. Trata-se de uma verdadeira aula de história catarinense, em estilo leve e que prende o leitor. A narração é feita de maneira informal e a «Nova História de Santa Catarina», antes de mais nada, é um livro agradável e bem escrito.

O autor justifica que fez uma abordagem apenas sobre o essencial da nossa história, numa «macro-interpretção socio-histórica». Depois de mostrar o que é Santa Catarina em nossos dias, Silvio Coelho descreve a epopéia dos primeiros navegadores que aportaram por estas terras; fala sobre os índios (e como poderia deixar de fazê-lo?), sobre os espanhóis e as primeiras povoações; focaliza a fundação de Lages e a chegada dos açorianos a Santa Catarina. O livro segue com interessantes capítulos, onde o narrador aborda a invasão da Ilha de Santa Catarina pelos espanhóis. Anita Garibaldi também não é esquecida, assim como a influência da imigração alemã e italiana tem o seu capítulo à parte. A Revolução de 1893 e a Guerra do Contestado são assuntos que o narrador também focaliza.

O livro é fartamente ilustrado com fotos batidas pelo Autor, na sua maioria, e outras de particulares e do arquivo da Universidade Federal.

Silvio Coelho escreveu este trabalho empolgado por tudo aquilo que Santa Catarina oferece de pitoresco de inédito e de importante em suas páginas de história. E nos, leitores, temos o dever de ler a obra para ficarmos conhecendo muitas facetas e peculiaridades do curso histórico de Santa Catarina. Não custa nada aprender um pouco mais.

Indústria Textil
Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - BRASIL

Rua Hermann Hering, 1790 — Caixa Postal, Nº. 2

Telegr.: «T R I C O T»

HERING

Fábrica de:

ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Rua XV de Novembro, 25 — Caixa Postal, 157

Telegramas: «DISTRIBUIDORA»

Fones: 22-0825 e 22-0827

BLUMENAU - S.C.

Tecidos e Artefatos das Melhores Fábricas Têxteis do País

Vendas Somente por Atacado